



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

**CUIABÁ, MT, 8 DE DEZEMBRO DE 2000**

*Caro Governador e amigo Dante de Oliveira; Dona Telma, que aqui está, seu pai e sua mãe; Senhores que aqui me acompanham; Senhor Ministro Rodolpho Tourinho; Prefeito de Cuiabá; Prefeito da Chapada dos Guimarães, Doutor Firmino; Doutor Luiz Carlos; Senhores Senadores; Deputados; Prefeitos; Senhoras e senhores,*

Fiquei muito satisfeito ao ouvir o Governador de Mato Grosso, por várias razões. Já o conheço de longuíssima data, sei do entusiasmo dele, mas achei que ele foi moderado hoje. Quando começou a sessão de pedidos, eu disse: “Meu Deus, não saio daqui hoje”. Mas ele foi moderado. E deu, também, a explicação de por que é a primeira vez que, depois de reeleito, venho a Cuiabá. É para não me pedir mais. Só venho para cumprir o que já fiz, o que já prometi e está feito.

Hoje, nós estamos aqui, efetivamente, felizes, todos, porque estamos cumprindo um anseio de Mato Grosso. Aqui, diante de mim, está o Oswaldo Palma, que é deputado e que insistia muito em Manso. Todas as vezes que andei por aqui, ouvi falar da importância da usina aqui, em Manso. De modo que isso foi uma de minhas preocu-

pações constantes também. Então, junto-me à alegria dos que aqui estão, de ver que, finalmente, estamos com a Usina de Manso.

O Ministro Tourinho explicou, e explicou de maneira clara, direta, a modificação enorme que foi feita no sistema energético do Brasil. Ele se restringiu, porque era oportuno, à questão da hidreletricidade e à questão da termoeletricidade. São muitas as obras.

Ao chegar aqui, alguém daqui, da construção, me perguntou: “Presidente, nós vamos continuar construindo hidrelétricas?” Eu disse: “Vamos”. O Ministro disse, aqui, o programa. Pelo que ele calculou aqui, foram, nos últimos anos, contando as que estão em marcha, cerca de 20 mil megawatts. É muita coisa, duas Itaipus. Recentemente, fui a Itaipu e, lá, vamos colocar mais duas geradoras. O número de vezes que tenho saído de Brasília, para apertar botões para dar início a turbinas, é bastante considerável. Ou seja, isso é um indicador muito claro das transformações que estão ocorrendo nesse setor.

Mas o Ministro poderia ter falado de um outro setor, vizinho a esse, que é o setor de petróleo. No setor de petróleo está havendo, também, uma revolução. Nós, em poucos anos mais, já estaremos auto-suficientes em petróleo.

Outro dia estava em Caracas e, falando com o Presidente Chávez, eu disse, brincando, a ele: “Daqui a pouco vou entrar para a Opep”. Ele, que leva as coisas a sério e que é amigo do Brasil, já me convidou para participar da Opep. Eu disse: “É cedo, é cedo”. No último encontro da Opep, quase que fui lá, disfarçado de xeque árabe. Espero que não eu, mas os meus sucessores possam participar das reuniões internacionais, nas quais vão ser discutidas as questões do petróleo. Porque nós estamos chegando, em poucos anos mais, à auto-suficiência do petróleo. E, prestem atenção, nós estamos passado por um momento de dificuldade muito grande. O barril do petróleo passou de 11 a 34 dólares. É um aumento enorme.

Pois bem, em outras épocas, quando houve mais de uma crise do petróleo, a nossa economia ficou paralisada, por efeito dessas crises. A inflação galopou, problema de balança comercial. E agora? Quase nada. Ao contrário, a economia este ano está crescendo. Eu disse,

hoje de manhã, lá em Corumbá, que o setor industrial está crescendo a 6,5% este ano. E a taxa de crescimento, os economistas sempre discutem muito qual vai ser, qual não vai ser, eles não sabem. Só se sabe no ano seguinte, meses depois que terminou o ano. A minha aposta é que vai ficar entre 4% e 5%, não menos do que 4, num intervalo. Pode chegar a 4,2% ou 4,3%. Ninguém sabe. Mas é um sinal claro de que está crescendo.

E, apesar disso, portanto, o preço do petróleo não chegou a afetar, de uma maneira dramática, o desenvolvimento econômico do Brasil. Por quê? Porque nós trabalhamos, porque a Petrobras trabalhou. E porque nós abrimos, também, o mercado à concorrência. A Petrobras, hoje, é uma empresa melhor, mais rica, mais poderosa do que antes de termos aberto o monopólio do petróleo. Quando se discutiu o monopólio do petróleo, os desavisados imaginaram logo que isso seria uma coisa contra o País. Pelo contrário, não apenas a Petrobras se reforçou – e ela, hoje, é uma empresa de energia que está dando sustentação ao programa que temos aí, de termelétricidade, está atuando na termelétricidade também – como houve um avanço grande de novos investimentos, que vão permitir esse horizonte de expansão da produção de petróleo.

Por que isso? Porque, assim como aqui, no caso da eletricidade, não simplesmente privatizamos, mas tomamos medidas complementares: criamos as agências controladoras – a Aneel, a Agência Nacional de Petróleo, a Anatel – que vão olhar para o interesse do Brasil e do cliente e vão cobrar da empresa que recebeu a concessão o cumprimento das metas.

Disse, nesta manhã, em Corumbá, e repito agora: quando já se viu que uma agência de governo estaria avaliando o serviço público? A Aneel acabou de fazer isso. Avaliou a prestação do serviço pelas companhias de eletricidade. E, aí, vem a crítica: “20% não estão bem atendidos, 30%, mais ou menos”, como se fosse crítica. Isso é o progresso, porque o Governo está prestando atenção e cobrando maior desempenho, maior eficiência e melhor atendimento direto à população consumidora.

A mesma coisa ocorre no que diz respeito ao petróleo. E, no caso do petróleo, cada vez que se faz uma licitação de concessão de perfuração de petróleo, há uma escala e há uma contagem de pontos. E, conforme aumenta a porcentagem de equipamentos que é comprada na indústria nacional, aumenta a chance de a companhia ter a concessão naquela área. Resultado: em média, hoje, as companhias estão se comprometendo a comprar 50% do equipamento necessário na indústria nacional. Ao lado disso, como fizemos no caso da Anatel, cobramos também uma taxa para o desenvolvimento científico e tecnológico. No caso do petróleo, já neste ano, cerca de 150 milhões de reais foram destinados exclusivamente a projetos tecnológicos na área de petróleo. No conjunto dessas várias áreas privatizadas, vamos ter, a partir do ano que vem, cerca de 1 bilhão de reais adicionais à disposição dos pesquisadores brasileiros, porque sabemos – aquilo que o Governador acabou de dizer – que o futuro depende do desenvolvimento científico e tecnológico e da educação.

Então, essa mudança que estamos fazendo, essa mudança que o Governador Dante de Oliveira exemplificou tão bem, aqui, no caso do Mato Grosso, essa mudança do Estado é, realmente, uma transformação para que o serviço público ou que o Governo prestem melhor serviço ao País e à população. Não teríamos alternativas. Se ficássemos, simplesmente, amarrados às velhas estruturas, não teríamos como investir. E, se não tivéssemos competição, teríamos, ao contrário do investimento, uma espécie de ossificação do que já se havia conseguido e uma lentidão muito grande para avançar. Agora, temos mais recursos, mas temos que ter um Estado mais ativo, um Estado mais dinâmico. Não é um Estado menor, nem é um Estado grande e bobo. É um Estado competente, um Estado dinâmico, para servir ao País e para servir ao povo.

E a alegria que tenho de vir aqui, agora, e ouvir essa exposição do Governador, tão entusiástica e verdadeira, é que tenho ouvido exposições parecidas em vários Estados do Brasil, independentemente dos partidos dos Governadores. Nesta manhã, estive no Mato Grosso do Sul. E o governador arrolou uma série de obras que fizemos em parce-

ria, como estamos fazendo aqui. O Governo Federal em parceria com os Governos estaduais, na energia, na educação, na eletrificação rural, enfim, nas várias áreas das competências paralelas, juntamos os esforços para avançar, em que se forma uma espécie de linguagem comum, uma nova linguagem. E os Prefeitos, certamente, têm a mesma linguagem.

Nós mudamos o Brasil, mudamos a mentalidade daqueles que dirigem o Brasil. Isso é tão importante quanto a obra que está aqui, que já é muito importante por si. Mas o que está por trás dela é tão importante quanto existência desta obra, que é a consequência dessa mudança de mentalidade.

O Governador ilustrou isso aqui muito bem. Nessa nova mentalidade, não vamos deixar de fazer hidrelétricas, mas vamos olhar o Rima, vamos olhar o meio ambiente. Não vamos deixar de ter o Estado ativo, mas não vamos ficar com o Estado sufocado, sem recursos e isolado. Vamos pedir apoio da iniciativa privada. Enfim, há uma nova mentalidade que se formou no Brasil.

Nesta manhã, o Governador do Mato Grosso do Sul, que é do PT, disse uma coisa que é verdadeira e que o Governador Dante sabe e acabou de mostrar como ele fez aqui também. Ele disse: ajuste fiscal não é de esquerda, nem de direita. Ajuste fiscal é necessário, porque, se não houver ajuste fiscal, o que existe? É o esbanjamento, é a inflação, é a falta de recursos, é o estado calamitoso em que as finanças públicas ficam e que impedem o administrador de fazer outra coisa a não ser se endividar mais.

E foi por isso que fizemos um esforço enorme de ajuste fiscal. O Governador Dante fez aqui e nós fizemos em Brasília. Não me recordo do dado que ele mencionou: 46% do Orçamento eram para o pagamento da dívida. Como? Quarenta e seis por cento da receita iam para a dívida. O que o Governo Federal fez? Impôs uma disciplina. Não foi fácil. Ninguém gosta de entrar na disciplina. Só o Dante ficou feliz com a disciplina. Os outros Governadores reclamaram. Impomos uma disciplina fiscal, assumimos a dívida dos estados. A dívida federal aumentou, porque assumimos a dívida dos estados. Baixamos os juros das dívidas dos estados e dos municípios, mas impusemos regras da boa gestão.

Agora, o Congresso Nacional aprovou essas mesmas regras também para a União, na Lei de Responsabilidade Fiscal, que é o exemplo vivo da mudança de mentalidade do serviço público e dos políticos neste País. Hoje, temos uma disciplina fiscal que antes foi proposta e, atualmente, é imposta, porque a lei obriga a que haja essa disciplina fiscal, que permite colher os frutos depois, do ICMS, que cresce, do ICMS, que está realmente crescendo de uma maneira bastante consistente, em boa parte dos estados do País.

Mas a verdade é que, com essas dificuldades ou sem elas, estamos mudando o modo de administrar e estamos mudando também a estrutura do Estado e da economia brasileira.

Mencionei, há pouco, que estamos crescendo. A indústria, neste ano, cresceu a 6,5%, e o País crescerá, o PIB será de 4%. Isso é certo. Isso é verdade. No setor agrícola também houve uma modificação muito grande, um crescimento grande da produção agrícola nesses últimos anos. Tudo isso é verdade e tudo isso indica, portanto, que o Brasil já entrou em uma fase de crescimento. Menciono sempre e vejo a inutilidade de certos debates: vamos ser desenvolvimentistas ou vamos ser estabilizadores? Meu Deus, a estabilidade é necessária para desenvolver! Não é para ficar estável e parado. É para crescer. E já entramos em uma fase de crescimento. E essa fase de crescimento requer investimentos.

Esses investimentos, nos próximos dois, três anos, são uma façanha, que está sendo feita aqui, em Mato Grosso. Mas não é só aqui. Quando se for olhar onde a indústria cresceu, cresceu em vários estados em que, há muito tempo, não crescia. Por exemplo, no Rio Grande do Sul. Por que cresceu no Rio Grande do Sul? Porque o governo, há cinco anos, vem investindo e criando indústrias no Rio Grande do Sul. Porque fizemos também uma revolução energética no Rio Grande do Sul. Porque mexemos na questão dos portos no Brasil. Houve toda uma espécie de sinergia que se desencadeia e que permite, então, que exista esse processo de um crescimento que passa a ser virtuoso. E tudo aquilo que foi aperto, num dado momento, passa a ser resultado colhido no momento seguinte.

E o dado mais difícil de mover é o emprego, até porque o desenvolvimento atual se faz com tecnologias que poupam mão-de-obra. Pois bem, o nível de emprego, neste ano, no Brasil, cresceu ligeiramente acima do nível de crescimento do PIB, ou seja, mais de 4%. A tal ponto que a taxa de desemprego começou a cair. E a taxa de desemprego para cair não é fácil, porque, na verdade, tem que haver um nível de emprego que cresce, mas há sempre gente que entra na força de trabalho. E, portanto, precisa ter uma continuidade nesse processo. E começamos a ver que a taxa de desemprego começou a cair. Aquela que parecia que ia ser uma taxa assustadora – em 98, tudo mundo dizia isso –, agora já se vê que temos condições de reduzir o desemprego no Brasil. Ainda é elevado. Está por volta de 6,8%. Mas, se compararmos com um país vizinho, que é a Argentina, é de 15%; se olharmos na Europa, a média é de 10,5%, e por aí vai.

Portanto, não estou contente com a taxa atual, mas estou dizendo que temos condições de fazer um crescimento capaz de absorver esse desemprego. E esse crescimento só absorverá desemprego se for com investimento. E só haverá investimento se houver estabilização. Portanto, essas discussões – cara ou coroa – são discussões que não têm sentido, porque tem que haver desenvolvimento e tem que haver estabilidade. E, havendo crescimento, há uma diminuição do desemprego.

Mas, aquilo que é mais importante é que – foi mencionado pelo Governador Dante – a mudança física da sociedade brasileira começa a aparecer. Essa sinergia, esse conjunto de obras de estruturação que nós estamos fazendo, no Brasil. Esses eixos de crescimento econômico que estamos fazendo no Brasil.

Diga-se, de passagem, o eixo que vai permitir a ligação bioceânica já está incluído na reunião que houve na semana passada, em Montevideu. Foi com a proposta do Brasil de utilizar o Programa do Avança Brasil que nós estamos, de alguma forma, fazendo com que os outros países da região se inspirem no modelo do Avança Brasil, que é um programa de gerenciamento muito mais moderno, um tipo de planejamento que é muito mais eficaz do que o planejamento central que existia no passado. Esse

modelo está sendo, agora, proposto para a América do Sul. E o BID e a CAF estão financiando. E um dos eixos é esse eixo que está aí mencionado.

Pois bem, retomando o fio da meada, o que dizia, que se nós já começamos a sentir essas transformações, há outras que são mais difíceis de ser sentidas, mas que são mais importantes, que é a modificação das condições sociais de vida.

Em matéria de educação, estamos fazendo uma transformação profunda, no Brasil. Profunda! Estamos com quase 97% das nossas crianças nas escolas. E isso quer dizer que deve haver por volta de 35, 36 milhões de crianças nas escolas públicas, escola básica. E, em todas elas, as crianças recebem, pelo menos, uma refeição.

É o maior programa de nutrição – como somos brasileiros, podemos exagerar – do mundo. Mas é. Quando se vai verificar os programas que nós temos, alimentares, por exemplo, de cesta básica, são maiores dos que o que a ONU tem para o mundo. Quando se examina o orçamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, o BNDES, ele é, hoje, mais ou menos de 18 a 20 bilhões, ou seja, de uns 10 a 11 bilhões de dólares. É igual ao do Banco Mundial.

Eu passo esses dados para que o País sinta que é um grande país, que tem que entender que estamos movendo um grande país, que tem possibilidades, e que essas possibilidades estão se transformando em ação concreta. E nós precisamos começar a restabelecer a auto-confiança no Brasil. Isso depende de nós termos criança na escola, educação melhor, emprego para todo mundo, melhores condições de atendimento básico na saúde. E esses programas estão, também, em marcha.

Só para dar um exemplo, Governador: o programa de bolsa-escola, do Ministério da Educação – nós temos mais de um – só o do Ministério da Educação está atendendo a 2 milhões de famílias. E nós temos a programação para passar para 4 milhões. O Congresso está aprovando o Fundo de Combate à Pobreza e vamos passar para 4 milhões de famílias. Quando se fez em Brasília ou em Campinas, que foram programas inovadores, foram 10, 15 mil famílias. O Governo Federal já está atendendo 2 milhões de famílias.

Ou seja, assim como acho que é inútil discutir se é desenvolvimento ou ajuste, porque tem que ser os dois, é ridículo imaginar que não estamos dando atenção ao social ou que não temos sensibilidade para o social. Ou o social é a demagogia? O social não é a demagogia. O social são programas concretos para melhorar a condição de vida da criança, melhorar a saúde. Em suma, nós nunca gastamos tanto, *per capita*, na saúde, no Brasil, como no meu governo. Jamais. Nunca. A saúde gasta 53% de toda a verba disponível do Governo Federal. Na reforma agrária, estamos dando acesso à terra para centenas de milhares de famílias.

Então, o Brasil tem que parar para pensar um pouco, olhar para Mato Grosso, ver o que está sendo feito aqui. Entender com reconhecimento o esforço imenso deste Estado. Felicitar o Governador e, ao felicitar o Governador, felicitar a todos os que vivem aqui, em Mato Grosso. Porque esse é um pedaço do Brasil que está dando certo, assim como muitos outros pedaços estão dando certo. Assim como o Brasil deu certo e vai continuar dando certo.

Esse sentimento é que é importante que nós todos tenhamos, não com espírito de louvação ou na busca de agradecimento. Mas para que nos motivemos, motivemos cada brasileiro e cada brasileira para perceber que estamos vivendo num país que está fazendo o possível e o impossível para melhorar.

Há muita coisa errada. Mas, sobre as coisas erradas, vamos fazer como o Governador: vamos falar pouco, como ele falou pouco dos pedidos dele. Falar pouco. Porém, há coisas erradas. Mas é preciso, também, ver o outro lado, o lado que está sendo construído, o lado que está sendo feito, e isso é muito importante.

E isso aqui é um exemplo vivo desse novo lado, desse lado que está sendo crescentemente percebido como necessário e como importante, como está avançando.

Queria agradecer muito a todos que trabalharam aqui, a começar por Furnas, o Doutor Luiz Carlos está aqui presente, o Presidente de Furnas. O Ministro Tourinho, que tem sido extraordinário. O Doutor Firmino, que leva a Eletrobrás. A todos os demais,

aqueles que trabalharam na obra, às empresas, aos trabalhadores, aos engenheiros. A engenharia brasileira é estupenda. Além do mais, isso é uma beleza de se olhar e ver o que está acontecendo.

Também, quero dizer o seguinte: temos feito muita coisa, e quase sempre que eu posso é junto com o Congresso, é tratando de haver um entrosamento. Não acredito nas ações autoritárias. Não acredito nos “salvadores da pátria”. Não acredito em gente que pensa que faz sozinho. Tem que haver uma convergência. E aqui estão vários senadores e deputados que sabem que é assim e que estão ajudando, independentemente das posições, às vezes, que têm num ou noutro caso, partidárias. Mas sempre com esse sentido construtivo, esse sentimento de que estamos construindo uma grande Nação.

Agradeço, portanto, Governador, e peço que estenda a todos aqueles que participaram desse empreendimento e de todos os empreendimentos mencionados, aquilo que foi feito.

Mas, não quero terminar sem dizer que vou cumprir. O Governador ainda me cobrou, disse que falta uma obra das que eu havia prometido. Não sei quantas ele disse aqui que eu prometi, não sei quantas ele disse que são dele. Mas são nossas. Diz ele que só falta um, está bom, que é a BR-163. Bom, nós vamos fazer, realmente, estou fazendo um esforço grande para que essa BR-163 seja realizada. Peço que não contem aos estados vizinhos.

Vamos fazer, certamente, também, aquilo que ele pediu, ou seja, dar muita atenção às hidrovias, que, realmente, constituem um programa muito importante, que tem que ser debatido com a sociedade. É preciso acabar com esse desentendimento que existe, entre certos setores, que pensam que aqueles que querem hidrovias são contra a natureza. Se for para perturbar a natureza, a gente não faz. Mas o homem é um ser racional. Vive na natureza, mas é racional e produz cultura. E cultura é modificação da natureza.

Então temos que atuar, respeitando a natureza, porque somos parte dela e precisamos da preservação dela. É atuar com respeito às leis da natureza e com respeito a tudo que seja preservação. Mas vamos à questão das hidrovias. Terão todo o meu apoio nessa ques-

tão, assim como esse projeto chamado Pantanal. É muito importante que nós todos preservemos o Pantanal, não apenas como patrimônio natural da Humanidade, mas para cada um de nós poder chegar lá e pescar e encontrar peixe.

Não só uma Humanidade abstrata, mas uma Humanidade concreta, porque eu gosto muito de vir ao Pantanal.

Muito obrigado a todos. Parabéns pelo Manso a todos que trabalharam aqui! E boa sorte!